Camila Escudero

Universidade Metodista
de São Paulo (Umesp).
São Bernardo do Cam-
po, SP, Brasil.

**Entrevista com
Gustavo Cimadevilla**

**Entrevista con
Gustavo Cimadevilla**

**Integração e cooperação para
o desenvolvimento da
Comunicação na
América Latina**

**Integración y cooperación
para el desarrollo de la
Comunicación en
Latinoamérica**

O argentino Gustavo Cimadevilla é conhecido no campo da Comunicação, principalmente, por suas pesquisas na área da Comunicação para o Desenvolvimento, e temáticas que envolvem o rural e o urbano. Oriundo da cidade de Pilar, no interior da província de Santa Fé, Cimadevilla é, atualmente, diretor do programa de Doutorado em Ciências Sociais da Universidad Nacional de Río Cuarto (UNRC) – instituição, aliás, onde iniciou seus estudos em Comunicação há mais de 40 anos – e reúne em seu currículo uma série de experiências acadêmicas e profissionais, entre elas um mestrado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no sul do Brasil, e, mais recentemente, a presidência da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAI), cargo que ocupará até 2020.

É Cimadevilla quem abre a nova série de entrevistas com pesquisadores latino-americanos que a *Revista Comunicação & Sociedade* traz a partir desta edição. O projeto integra mais uma homenagem ao professor José Marques de Melo, morto em junho deste ano. Editor por 40 anos da *Revista*, Marques de Melo deixou, entre seu legado, a luta pelo desenvolvimento do campo na América Latina e sua integração.

E foram, justamente, pontos como integração, cooperação e desenvolvimento que guiaram a entrevista com Cimadevilla. Em um breve retrato do campo comunicacional no continente, o pesquisador abordou o conceito de “rurbano”, falou sobre o estado dos estudos latino-americanos, com enfoque, sobretudo, na atuação do Brasil e Argentina nesse contexto, bem como, dos esforços ligados às nossas raízes, circunstâncias e trajetórias epistêmicas para o progresso de um pensamento regional. A seguir, os principais trechos (traduzidos para o português¹).

Entre os principais temas que “você” trabalha, está a Comunicação para o Desenvolvimento. Nesse campo, o que considera que mudou desde o clássico livro “Comunicação de Massa e Desenvolvimento”, de Wilbur Schramm? Poderia falar também um pouco sobre o desenvolvimento das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) nesse processo?

Gustavo Cimadevilla – Schramm, Rogers, Bell e, um pouco antes, Lazarsfeld, Merton, Hovland e tantos outros acadêmicos da escola norte-americana, marcaram o início de um capítulo do campo. Muito do que eles abordaram e analisaram foi fundamental para as perspectivas pragmáticas da comunicação, mas muito restrito a um paradigma que lhes oferecia perguntas e enfoques que eram muito lineares e ingênuos para entender nossas próprias realidades latino-americanas. E é por essa razão que eles não deram conta de outras complexidades que precisavam ser consideradas nos fenômenos de produção de relações e significados, sobretudo se dizem respeito

¹ Tradução de Vinícius Honório.

aos problemas das estruturas que sustentam a ordem social e às problemáticas do desenvolvimento. O que mudou então, justamente, é que aos seus trabalhos pioneiros somaram-se, depois, as críticas e buscas para entender o comunicacional a partir de outras perspectivas e enfoques que, atentos aos nossos processos, sujeitos e problemáticas, pudessem produzir respostas para outros tipos de perguntas. Ou seja, não é que suas contribuições tenham sido simplesmente superadas ou se tornaram anacrônicas, mas sim que deram pistas acerca de algumas questões, mas não resolveram outras. Estar atento a essas outras questões, as do poder, as da persuasão, que se baseiam em certos valores, e as dos domínios, que operam de certas esferas, exigia perguntas diferentes e enfoques alternativos. E foi sobre a base desses novos esforços, ligados às nossas raízes, circunstâncias e trajetórias epistêmicas, é que foram se desenvolvendo nossas próprias experiências de pensamento. Claro que o mundo também é outro. Não é que os paradigmas das ciências sociais e os do nosso campo mudaram, *o mundo em que vivemos também mudou, e o faz em alta velocidade, e nos convida a revisar continuamente como e de onde nos aproximamos dele*. Nesse plano, a irrupção das mudanças tecnológicas, ancoradas na digitalização de nossas sociedades, abriu *infinitas interrogações e esforços de conhecimento que parecem estar sempre atrás das transformações que se sucedem e exigem incessantes novos trabalhos de pesquisa*.

*Qual é a principal base teórica do seu trabalho?
Quem são suas referências?*

Gustavo Cima Devilla – Antes que citar autores, diria que prefiro reconhecer princípios. As autorias, às vezes, nos conduzem à ingratidão. Ou seja, nos levam a esquecimentos involuntários que depois custam sanar. Eu diria, então, que entre os princípios me atrai muito trabalhar reconhecendo paradoxos e contradições. E isso se explica porque minha visão de mundo está mais ligada a entender nossas incoerências do que a supor que somos retos e lineares. Qualquer acadêmico que, em sua vida, tem a sorte de ser ativo por muitos anos, tem diversas fases. Se alguém pensa igual aos 30 e aos 60 anos de idade, é porque possivelmente amadureceu pouco. Isso também não significa que navegue de um extremo em direção ao outro, mas sim que, com trabalho e amadurecimento, descubra que entre os brancos e pretos iniciais, há muitos cinzas. E se algo permite o trabalho intelectual, é justamente entrar nessa gama de nuances que não são vistas nos primeiros olhares, mas que são vistas depois de longas observações. Assim pensando, uma das consequências desse modo de ver é que um está mais ligado à condição humana do que aos sistemas que a regem. Ou seja, mais atento às condições do que às predeterminações. E essa entrada para compreender o social a partir das tensões, dos paradoxos e das inconsistências requer esforços que, independentemente de como são qualificados, são realmente transdisciplinares. Abertos, dialogantes, criativos, heterodoxos. O pesquisador se apresenta em vários campos para configurar sua própria visão científica e responder às suas preocupações.

Poderia falar um pouco da questão “rurbana” que desenvolve em seus trabalhos, tanto no nível teórico quanto no nível empírico?

Gustavo Cimadevilla – O tema da rurbanidade chega a mim e à equipe que temos – e que podem visitar em nosso site² – como consequência de ter trabalhado durante muitos anos com problemáticas que se situaram na convergência da comunicação, o desenvolvimento e as questões ambientais. Dessa forma, tornava-se claro que as antigas categorias do urbano e do rural já não conseguiam dar conta da complexidade que apresentavam as sociedades latino-americanas. Pelo menos não se pensavam separadamente. Ou seja, já não se podia pensar o urbano totalmente independente do rural, nem no rural de maneira excludente em relação ao urbano. Os habitantes de qualquer um desses territórios carregavam trabalhos, práticas, valores e saberes que se conectavam com ambos os planos, não apenas espacialmente, mas também, particularmente, no plano sociocultural. E, na realidade, o que víamos diariamente em nossos ambientes de pesquisa já havia sido observado um século atrás – embora talvez de forma mais linear – por um sociólogo norte-americano de sobrenome Galpin. E muito depois, no Brasil, trabalhado especialmente por Gilberto Freyre. Sendo assim, trabalhar com o conceito e enfoque da rurbanidade não foi um modismo nem uma criação carregada de superficialidade, mas sim o resultado de reconhecer as contribuições que existiam no campo sociológico sobre a questão, para posteriormente dar-lhes nossa própria impressão. Hoje, as temáticas rurbanas são a nossa especialidade e também a nossa paixão acadêmica.

² www.comunicacionyrurbanidad.org

Na sua opinião, como está o campo da Comunicação na Argentina hoje? Os cursos de pós-graduação, as pesquisas... O que se está pensando?

Gustavo Cimadevilla – O campo acadêmico da comunicação na Argentina está em um bom momento, embora as condições da conjuntura não sejam boas. Ou seja, as políticas para o setor educativo e científico passam longe de serem estimulantes, eu diria que são desanimadoras. Mas digo que está em um bom momento porque há vários programas de pós-graduação ativos formando mestres e doutores, e isso melhora substancialmente o nível acadêmico da área. A Argentina teve, nesse sentido, uma trajetória complexa, já que, particularmente, a ditadura do período de 76-83 e a violência anterior a marcaram de maneira muito negativa. Muitos dos intelectuais que foram iniciados e projetados no campo da comunicação tiveram que se exilar ou se dedicar a outra coisa para sobreviver naquela época e, portanto, a academia não conseguiu se desenvolver com “normalidade”. A pós-graduação foi tardia e os programas de pesquisa não amadureceram com consistência até o final dos anos 1990. Somente nos últimos anos as linhas de pesquisa e suas referências apareceram com maior clareza e, por isso, seria fundamental que o sistema universitário e o científico técnico recuperassem o seu vigor e plenitude. Caso contrário, seria uma dificuldade a mais nessa trajetória agitada. Lamentavelmente, a crise nacional que o país vive não defende a educação e a ciência como saídas. Elas não são vistas como parte da solução, mas sim como parte do problema, e isso não nos traz bons augúrios. Mas as bases intelectuais estão lá e nós temos que esperar delas o melhor.

Como “você” vê a pesquisa em Comunicação na América Latina? Quais são os avanços, os temas emergentes e os principais autores? Quais são suas perspectivas para o desenvolvimento do campo, nessa perspectiva regional?

Gustavo Cimadevilla – A América Latina é uma região carregada de diversidade, embora, claro, com laços comuns. A língua, a história colonial e os processos de busca por soberania conectam interesses e até figuras emblemáticas. Em nosso campo, essa diversidade e esses laços em comum também estão presentes. Em cada país, pode-se escrever um capítulo específico a respeito de como os trabalhos de comunicação se ligaram à profissionalização e ao estabelecimento das academias, universidades e centros de pesquisa. Mas também houve marcos coletivos que permitiram unir muitos desses capítulos específicos. Algumas instituições, criadas a partir do final dos anos 1950, foram dando argamassa para configurar o atual campo latino-americano de comunicação. Refiro-me ao CIESPAL, às associações nacionais pioneiras, como o ININCO (na Venezuela) ou a INTERCOM (no Brasil), a ALAIC, criada em 1978, ou, posteriormente, a FELAFACS. Ou seja, foram muitas as instâncias que colaboraram para reunir intelectuais, programas de formação e de pesquisa e também interesses para fazer frente às lutas que se tornaram regionais, como foi batalhar por uma maior democratização da comunicação em toda a região. Tão presente, por exemplo, no Relatório MacBride, que foi produzido – também com a presença de latino-americanos – a pedidos da UNESCO. Nessa caminhada, alguns intelectuais de referência foram fundamentais e, felizmente, reconhecidos. Qualquer lista que valorize

esses esforços menciona Antonio Pasquali, Luis Ramiro Beltrán, Patricia Anzola, Jesús Martín Barbero, José Marques de Melo e, para a nossa sorte, a lista segue e é abundante. Essa geração, claro, teve um substituto e em todos os países há referências acadêmicas de suas comunidades. Os eventos que são regionais – por exemplo, os que a ALAIC promove – permitem, justamente, abordá-los e até promover atividades conjuntas e, num sentido muito concreto, isso é o que permite que o nível internacional do campo possa expressar que a América Latina tem uma comunidade ativa e interativa para fazer ciência e compartilhá-la. E com um nível mais do que aceitável.

“Você transita” bastante entre o Brasil e a Argentina. Como compara o desenvolvimento da área da Comunicação entre esses dois países?

Gustavo Cimadevilla – O Brasil e a Argentina têm capítulos específicos e uma história comum, que apenas começa a se escrever na década de 1980 do século passado. Ou seja, em cada país há toda uma trajetória do campo que tem antecedentes próprios. Talvez no Brasil com uma maior sistematização desse devenir, em grande parte por conta dos trabalhos de José Marques de Melo, e na Argentina, com antecedentes dispersos e várias dificuldades que ainda requerem esforços de investigação e escrita. Mas com laços reconhecíveis. E, nessa caminhada e se você comparar, creio que há duas questões importantes que valem ser mencionadas. Uma é que os perfis de formação têm seguido caminhos diferentes. No Brasil, desde a década de 1970, o campo comunicacional orientou-se por áreas disciplinares vinculadas ao mun-

do do trabalho. Ou seja, vinculadas a especialidades profissionais como o jornalismo, as relações públicas, a produção audiovisual e de rádio etc. As quais a pós-graduação se juntou rapidamente. Na Argentina, por sua vez, embora o início tenha sido semelhante, pouco tempo depois se optou por formações mais generalistas. Desse modo, as carreiras de licenciatura seguiram formações que incluíram várias especialidades sob o título de Ciências da Comunicação ou Ciências da Informação. Em algumas faculdades, vale esclarecer, isso esteve mais limitado e direcionado especificamente ao jornalismo, mas em geral foram integracionistas. A pós-graduação, no entanto, como já comentei, não ganhou força até os anos 1990 e por isso a graduação se consolidou como teto. Hoje, talvez todas essas formações estejam reconsiderando-se a favor do retorno às especializações e com muito mais ênfase no digital e nas redes. Situação que, na atualidade, preocupa a toda faculdade ou escola de comunicação, qualquer que seja sua localização no mundo. Mas há uma segunda questão e, nesse sentido, digo que é a partir dos anos 1980 que se vislumbra uma história comum, porque as trocas entre ambas as academias apenas se tornaram regulares naquela época. E isso coincide com o fato de que em ambos os países as democracias foram reinstaladas e, portanto, as produções intelectuais e acadêmicas circularam com maior liberdade. Para citar um exemplo, Freire ficou conhecido na Argentina no final dos anos 1960, mas logo após começar a circular já foi proibido, de modo que seu legado para a educação e até mesmo para a comunicação – com seu clássico *Extensão ou Comunicação* – não pôde ser totalmente trabalhado até a pós-ditadura.

Foi nos anos 1980, então, que figuras como Freire, Renato Ortiz, Darcy Ribeiro ou até mesmo Fernando Henrique Cardozo apareceram com maior frequência nos programas de estudo. E algo similar aconteceu, com um pouco mais de demora, com os acadêmicos do campo comunicacional. Sem dúvida a língua funcionava como um obstáculo, já que não havia – no caso argentino – uma indústria editorial investindo nas traduções necessárias, e o português era muito menos familiar do que é hoje. O MERCOSUL, a internacionalização da educação e da ciência e a indústria do turismo colaboraram para que isso mudasse. Nos últimos anos, entretanto, os laços estão muito mais fortes. A FADECCOS – Federação Argentina de Carreiras de Comunicação Social – e a INTERCOM realizam, a cada dois anos, um colóquio binacional, e os intercâmbios nos congressos e as atividades de pós-graduação modificaram totalmente o panorama. O que acontece em um país logo é conhecido no outro e vice-versa, e pelas redes circula uma importante quantidade de material acadêmico que alimenta a pesquisa e a pós-graduação de ambas as comunidades.

Recentemente “você” assumiu a presidência da ALAIC. Quais são os desafios?

Gustavo Cimadevilla – Eu gostaria de reforçar o papel que as nossas instituições têm para aprofundar o conhecimento de nossas comunidades acadêmicas, as possibilidades de trabalho conjunto e o que se pode alcançar por meio da cooperação. A ALAIC tem sido um espaço para o encontro e o intercâmbio e é fundamental que alimentemos as oportunidades

que são dadas para amalgamar preocupações, esforços e aspirações. Você sempre tem que procurar o melhor, e se o faz caminhando junto, é muito melhor. Os jovens, que têm um longo caminho a percorrer pela frente, hoje têm oportunidades impensáveis quando, há cinco ou seis décadas, o campo comunicacional começava a tomar forma. Por isso, temos que promover as aproximações e os intercâmbios que o trabalho coletivo mostrará rapidamente o quanto se pode alcançar.

Dados da autora

Camila Escudero

Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.

E-mail: camila.escudero@metodista.br.